

## EXTENSÃO NUMA BRINQUEDOTECA HOSPITALAR: INTERFACE COM A POLÍTICA NACIONAL DE HUMANIZAÇÃO

ISSN Eletrônico

2236-5842

Vol. 13 | N° 18

JAN-JUN | 2024

### Resumo

Este é um relato de experiência com o objetivo de analisar as ações de uma extensão universitária realizada em uma brinquedoteca pediátrica de um hospital da Rede Ebserh e suas imbricações na aplicação da Política Nacional de Humanização no cotidiano desse serviço. A experiência aponta que a referida prática acadêmica é tanto um agregador à formação profissional e faculta contato de pessoas extensionistas com comunidades. Crianças são assistidas na clínica pediátrica a partir da atuação de estudantes extensionistas. Estes recebem formação e capacitação antes de entrarem em contato com o serviço e o cotidiano hospitalar. A ação objetiva a minimização do sofrimento e o enfrentamento relacionado às incertezas geradas pelo adoecimento. Ademais, o brincar livre e protegido dos procedimentos inerentes à hospitalização potencializa a sensação de segurança, a expressão de sentimentos, a retomada da independência dentro das capacidades do serviço e ratifica os efeitos positivos da ambiência e do acolhimento como propostas de cuidado humanizado. Nesse contexto, as reflexões trazidas nesta escrita corroboram quanto à importância da brinquedoteca hospitalar para o tratamento de crianças por meio do lúdico. Demonstra-se ser uma ação extensionista de grande importância e um exemplo de contribuição no processo de aplicação da Política Nacional de Humanização dentro do serviço de saúde pública como ferramenta crucial de aplicação dos pilares do Sistema Único de Saúde na realidade.

**Palavras-chave:** Extensão. Humanização da assistência. Saúde da Criança Institucionalizada. Jogos e Brinquedos. Relações Comunidade-Instituição.

**Vanessa Ferry de Oliveira Soares (Autora)**

Vínculo Institucional: HOSPITAL  
UNIVERSITÁRIO/UNIVERSIDADE  
FEDERAL DE ALAGOAS

**Claísia França de Lima (Autora)**

Vínculo Institucional: UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DE ALAGOAS

**Sarah Lins de Barros Moreira (Autora)**

Vínculo Institucional: HOSPITAL  
UNIVERSITÁRIO/UNIVERSIDADE  
FEDERAL DE ALAGOAS

**Maria Aryssia Layanne Barbosa dos Santos Silva (Autora)**

Vínculo Institucional: HOSPITAL  
UNIVERSITÁRIO/UNIVERSIDADE  
FEDERAL DE ALAGOAS

**Maria Isabel Fernandes Calheiros (Autora)**

Vínculo Institucional: HOSPITAL  
UNIVERSITÁRIO/UNIVERSIDADE  
FEDERAL DE ALAGOAS

**Ingrid Martins Leite Lúcio (Autora)**

Vínculo Institucional: UNIVERSIDADE  
FEDERAL DE ALAGOAS

Submetido em OUT/2022

Aceito em DEZ/2023

Revisado em ABR/2023

Publicado em AGO/2024

PROEX  
Pró-reitoria de Extensão



## INTRODUÇÃO

A atenção terciária da saúde pública é caracterizada pelos serviços de assistência hospitalar, os quais mostram-se relevantes dispositivos da rede de cuidado à saúde. Hospitais são instituições que oferecem atendimentos de alta complexidade, sendo organizações multifacetadas, que torna a implementação de políticas públicas um desafio nesses locais. Em 2003, foi criada a Política Nacional de Humanização (PNH), atualmente consolidada em vários âmbitos e em progresso quanto à sua expansão. Concomitantemente foram surgindo questões sobre a aplicação e o entendimento sobre seus princípios e diretrizes, dentre outras discussões (BRASIL, 2011).

A PNH dispõe sobre um conjunto de princípios e instrumentos que almejam otimizar a qualidade dos serviços de saúde, e dessa forma compreende em suas áreas de atuação desde questões assistenciais às relações institucionais e organizacionais (BRASIL, 2011). Todavia, ressalta-se que os desafios para a implantação e implementação da política são inúmeros, pois e vão desde a incipiente participação profissional nas decisões, passando pela escassez de mão de obra qualificada, até mesmo os baixos investimentos na educação continuada e institucionais (FERREIRA *et al.*, 2021).

No que concerne à assistência hospitalar de crianças e adolescentes, o isolamento social oriundo da hospitalização é um processo de ruptura com sua rotina que envolve sofrimento. Pode, portanto, acarretar agravos emocionais complexos de tal forma que são difíceis de expressar, tendo em vista que a internação é carregada de medos, inseguranças e angústias que tem difícil manejo por meio dos profissionais das instituições (GOMES *et al.*, 2012).

O brincar surge neste contexto por ser um direito da criança que deve ser garantido durante a hospitalização, a fim de minimizar os impactos do isolamento social no desenvolvimento infantil. Na condição de hospitalização, o brincar assume uma posição de coadjuvante humanizador no processo terapêutico, tendo por objetivo diminuir o sofrimento,

estresse e permitir a expressão dos sentimentos. Assim, as brinquedotecas entram nesse cenário tão limitante, garantindo o espaço do brincar dentro do ambiente hospitalar (TEIXEIRA; KISHIMOTO, 2021).

Significativo ganho ocorreu mediante a lei nº 11.104/2005 que aborda a obrigatoriedade de instalação de brinquedotecas nas unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação, o que leva a compreender a importância de um espaço adequado, que respeite o brincar e viabilize o seu exercício. Entretanto, a legislação não garante aspectos fundamentais para a instalação, manutenção, recursos humanos e segurança do ambiente, o que acarreta uma dissonância entre o necessário e a realidade (TEIXEIRA; KISHIMOTO, 2021).

Nesse contexto, este estudo se propõe a analisar o relato de experiência de uma extensão universitária vinculada à Pró-reitora de Extensão da Universidade Federal de Alagoas (PROEX-UFAL) atuante em uma brinquedoteca hospitalar, a partir de sua interface com a aplicação da PNH nas ações desenvolvidas. O relato se dá com base na perspectiva das extensionistas (acadêmicas e preceptoras), no tocante aos impactos da presença da brinquedoteca no processo de cuidado de crianças e adolescentes hospitalizadas/os.

Partindo desse paradigma, a extensão aqui debatida é voltada para a inclusão de estudantes das áreas de formação da saúde e educação para que sejam inseridos/as no processo de cuidado de crianças internadas na clínica pediátrica de um Hospital Universitário. A vivência acadêmica no âmbito hospitalar permite que seja conduzido o brincar livre infanto-juvenil, assim como dá vazão à expressão de seus sentimentos e facilita o enfrentamento do cotidiano hospitalar (SOARES, 2019; SOUZA, 2013)

## **IMPLICAÇÕES ENTRE EXTENSÃO, BRINQUEDOTECA HOSPITALAR E PNH**

Crianças hospitalizadas, por vezes, entram em processo de introspecção fruto de diversas situações que promovem o estresse, o medo, além que ocorrer a ruptura do cotidiano da criança e da família para uma rotina limitadora, dolorosa, que pode ser observada pela criança como um tipo de punição (DOMINGUES, 2001; SOUZA, 2013; GOMES, 2012). As

atividades lúdicas inseridas no âmbito hospitalar, por meio da instalação de uma brinquedoteca, despertam na criança e no adolescente os sentimentos de acolhimento e segurança para que se sintam livres para se expressar. Também estimula a aprendizagem e interação com o outro por meio das brincadeiras, das novas experiências e das situações cotidianas dela e do outro.

O brincar livre provoca uma fuga da rotina hospitalar, ressignificando a estadia da criança e, conseqüentemente, do acompanhante. Os espaços lúdicos contribuem para alterar a percepção das crianças sobre o adoecimento e hospitalização, facilitando a comunicação e entendimento sobre o processo, o que contribui para o desenvolvimento de forma positiva, além de beneficiar a rede de apoio das crianças, fortalecendo o vínculo e trazendo conforto (SILVA *et al.*, 2018).

Diante da importância desse espaço no hospital e do brincar livre para a criança, foi implantada, em 2016, a brinquedoteca hospitalar TECA – Território Encantado de Crianças e Adolescentes, que abriga um projeto de extensão universitária de mesmo nome. Situada em um Hospital Universitário, destaca-se que é a extensão que viabiliza a manutenção das atividades da brinquedoteca hospitalar em dois turnos, diariamente, de segunda a sexta-feira. A TECA contribui para a humanização da clínica pediátrica ao mesmo tempo que atua na formação dos acadêmicos, que desenvolvem a prática enquanto voluntários (SOARES, 2019).

O tripé ensino, pesquisa e extensão, eixo fundamental da universidade brasileira, é previsto pelo artigo 207 da constituição Brasileira de 1988. Deste tripé, a extensão universitária é o eixo que propõe o estabelecimento do vínculo com a sociedade no encontro entre o saber acadêmico e o saber popular, mesmo diante de claras resistências elitistas (GADOTTI, 2017; MOITA, 2009).

Sob a luz da PNH e suas vertentes de acolhimento e ambiência aplicadas às atividades desenvolvidas em uma brinquedoteca, esse trabalho foi construído. O acolhimento define-se por:

[...]uma postura ética que implica na escuta do usuário em suas queixas, no reconhecimento do seu protagonismo no processo de saúde e adoecimento, e na responsabilização pela resolução, com ativação de redes de compartilhamento de saberes (BRASIL, 2016).

A ambiência, por sua vez, pode ser definida por:

Ambiência na Saúde refere-se ao tratamento dado ao espaço físico entendido como espaço social, profissional e de relações interpessoais que deve proporcionar atenção acolhedora, resolutiva e humana (BRASIL, 2010, p. 5).

A brinquedoteca hospitalar, dentro do que preza a ambiência, é um ambiente repleto de cores, brinquedos expostos, móveis acessíveis às crianças e materiais atrativos para desenvolvimento de oficinas, o que torna o ambiente lúdico, divertido, levando acompanhantes e crianças para fora da realidade de medicações, exames e intervenções hospitalares, permitindo maior socialização. Dessa forma observa-se o anseio das crianças e cuidadores para ficarem naquele local, o conforto e desenvoltura nas falas e atitudes, tornando assim evidente a importância da ambiência para promover a efetividade da PNH (SOARES, 2019).

Contudo, a subsistência das brinquedotecas hospitalares não possui fonte de financiamento garantida, o que dificulta a manutenção do espaço com a ambiência necessária, visto que os insumos se desgastam com o tempo ou são de uso único, então para a continuidade das atividades faz-se necessário investimento institucional (SOARES, 2019).

## MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia adotada para este relato de experiência segue a perspectiva do Construcionismo Social, sob o referencial da Análise de Discursos e Produção de Sentidos (SPINK; MEDRADO, 2013). Para acessar os conteúdos da experiência vivida utilizamos os diários de campo das extensionistas e autoras deste texto, sendo elas duas acadêmicas, três preceptoras e a coordenadora geral do projeto de extensão.

Os diários foram escritos individualmente, com a experiência pessoal e individualizada de cada uma, ao término de cada momento de intervenção da extensão universitária TECA – Território Encantado de Crianças e Adolescentes. A escrita do diário é um elemento cotidiano, trabalhado pela prática extensionista deste projeto e os conteúdos analisados se referem ao período de maio a setembro de 2022.

A construção dos diários de campo não pretende descrever ou atestar uma possível realidade, mas envolve um agrupamento dos repertórios de experiências produzidas pelo encontro das alteridades no cotidiano, que passam a aguçar reflexões e evidenciar desafios. Os diários tratam de uma ferramenta de tensionamento daquilo que foi experimentado. A escrita não é técnica nem objetiva, mas repleta de intensidade e subjetividade, assim nos apontam para as expressões particulares advindas da experimentação. Produz, não um panorama de realidade ampla, no sentido de servir de parâmetros generalizadores, mas diz sobre a interlocução subjetiva na escrita acadêmica de uma experiência pontual, mas com validade e dentro de um rigor dialógico (DIEHL; MARRASCHINNI; TITONI, 2006).

Nesse viés, o conteúdo trazido pelos diários favorece uma reflexão aprofundada sobre os sentidos produzidos pela experiência, bem como o estabelecimento de conexão entre as observações de campo e a análise dos dados coletados. Assim, é considerado que se trata de um instrumento relevante no que tange ao alcance dos objetivos propostos (DIEHL; MARRASCHINNI; TITONI, 2006).

Os registros em diários de campo também agregam à pesquisa o elemento subjetivo. Constituem uma produção que testemunha os eventos sociais de forma minuciosa, singular e não apenas descritiva. Os diários são em si práticas discursivas, linguagem em ação (MEDRADO, SPINK E MÉLLO, 2014)

A análise dos diários de campo se deu em um momento coletivo entre as autoras, através da criação do mapa dialógico, recorrendo à utilização, como base metodológica, da Análise de Discurso e Produção de Sentidos (SPINK; MEDRADO, 2013), para promover a análise dos repertórios linguísticos encontrados no arcabouço compilado dos diários.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os relatos contidos nos diários analisados convergem para dois grupos de discursos que envolvem repertórios linguísticos sobre: o brincar e elementos da política de humanização; e a extensão na formação profissional em saúde pediátrica. Nestes, alguns

elementos reflexivos sobre a experiência na ótica das extensionistas e autoras surgiram e serão trazidas ao longo deste tópico.

Os relatos das extensionistas evidenciam que dentro da brinquedoteca, quando o brincar entra em ação e transporta a criança para um mundo de fantasia é perceptível a redução do sofrimento por meio da criatividade e expressão corporal. As extensionistas perceberam que, ao brincar, as crianças não apenas exercitam a imaginação, mas expressam inconscientemente suas relações com a hospitalização, reproduzindo por vezes as situações que vivem dentro do hospital que subjetivamente marcam suas vidas.

As extensionistas se impactaram ao identificar em suas experiências que nas situações em que emergiram expressões de sentimentos negativos, ali estava acontecendo um processo de elaboração e foi em momentos assim que o brincar foi visto em recorrentes relatos como válvula de escape emocional para crianças e adultos. Um trecho de um dos diários fala sobre a situação em que a extensionista 1 acompanhou um procedimento em que a criança foi retirada da brinquedoteca para a administração de medicações intravenosas e teceu o seguinte relato: “Eu me mantive atenta, porque via o medo e a angústia no olhar dele. Assim que voltou, estava em minhas mãos manejar para que ele relaxasse no mundo das brincadeiras”.

Essa noção da brinquedoteca hospitalar se configura como ambiente resguardado e seguro para as crianças que encontram reverberação na teoria. Para Souza (2013) a suspensão da realidade dentro daquele ambiente age por meio da transformação do espaço, não tornando o mesmo em um depósito de brinquedos, mas sim em um local de afeto e criatividade. Ademais, o ambiente brinquedoteca foi visto em diversos relatos pela perspectiva do seu potencial em reduzir os fatores traumatizantes do hospital.

Também ocorreu em um dos diários a situação de um profissional da equipe que, não compreendendo a complexidade por trás do brincar, não respeitou plenamente a proteção da criança que estava na brinquedoteca, propondo trazer até uma paciente um procedimento invasivo. A extensionista ressaltou em seu diário que precisou se posicionar para esclarecer ao profissional que certos sofrimentos não poderiam adentrar em um campo que se propõe a ser de segurança e dissociação do sofrimento hospitalar.

Os diários se reiteram ao ressaltar diversas vezes que muito do acolhimento é pautado justamente em respeitar o livre brincar e conseguir afastar pacientes e acompanhantes das rotinas extenuantes de cuidados hospitalares. Assim, quando existe quebra desse resguardo e quando profissionais inserem práticas de assistência dentro do espaço da brinquedoteca, o ambiente que antes era seguro, não mais o é. Dessa forma, a experiência evidencia que, para alcançar o objetivo da brinquedoteca hospitalar, é primordial manter o acolhimento que nela é fornecido.

Além do acolhimento, a ambiência da brinquedoteca hospitalar é destacada nos diários como elemento significativo. “Um ambiente repleto de cores, brinquedos expostos, móveis acessíveis às crianças e materiais atrativos para desenvolvimento de oficinas é o que torna o ambiente lúdico e divertido, além de facilitar uma maior socialização” (Extensionista 2, 20/05/22). Dessa forma, relatos sobre o anseio das crianças e cuidadores para ficarem naquele local, o conforto e desenvoltura nas falas e atitudes, reafirmam a relevância da ambiência para promover a efetividade da PNH.

Para as estudantes universitárias extensionistas, a vivência ainda na fase acadêmica dentro do contexto hospitalar, com colegas de diferentes cursos de graduação, vem com a proposta de agregar experiências. Como constou em um dos diários: “Aqueles que não convivem com hospitais em suas grades curriculares passam a ter contato com a área e a interagir com profissionais da assistência pediátrica” (Preceptora 1, 02/04/2022). Este trecho corrobora com Silva (2019), quando coloca que, conhecendo mais da dinâmica do trabalho, a formação é impactada com qualificação e parâmetros de atuação profissional.

Seguindo neste viés, o relato das vivências anuncia que a brinquedoteca é vista como um lugar onde extensionistas são agentes de conforto para cuidadores e crianças. Os cuidadores, segundo Monteiro (2022), se encontram em uma posição de medo, angústia e ansiedade causados pela realidade hospitalar. Foi observado pelas extensionistas que a escuta realizada no espaço da brinquedoteca produz uma redução dos aspectos negativos para os cuidadores e para as crianças, além de ressignificar o processo de hospitalização, contribuindo para uma estadia mais confortável e feliz.

## CONCLUSÃO

Considerando o que foi disposto, observamos que, para a realidade hospitalar da assistência pediátrica, a presença de uma brinquedoteca é crucial no processo terapêutico das crianças. A brinquedoteca é a garantia do direito da criança de brincar e, ao mesmo tempo, a seguridade de que o lúdico estará presente no cotidiano do tratamento de saúde, podendo auxiliar quanto ao afastamento do sofrimento do ambiente hospitalar. Além disso, há o impacto do brincar para os/as acompanhantes, no que tange a redução de ansiedades e medos oriundos da incerteza acerca da saúde de suas crianças.

A conscientização dos profissionais acerca do funcionamento da brinquedoteca ainda possui lacunas dentro do contexto hospitalar, ainda ocorrendo situações em que profissionais interrompem o momento lúdico para realização de procedimentos e trazem à tona justamente aquilo que a brinquedoteca deseja dispersar. Para as extensionistas e autoras deste trabalho, a experiência adquirida através da extensão universitária é única para o desenvolvimento pessoal e profissional, fortalecendo e potencializando as habilidades profissionais.

Ressaltamos ainda que a extensão atua capacitando acadêmicas/os para ações profissionais no campo da saúde, em articulação com os conteúdos teóricos da universidade, o que traz ganhos de âmbito subjetivo à formação frente à assistência em saúde na pediatria hospitalar. Estudantes e preceptores acabam por ressignificar o ambiente de trabalho, trazendo para seu cotidiano os resultados positivos obtidos nas intervenções através do brincar. Estes resultados, por sua vez, geram a sensação de conforto e acolhimento para o ambiente profissional

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Biblioteca Virtual em Saúde. **Acolhimento**. Brasília: MS, 2008. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/dicas/167acolhimento.html>.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. Atenção hospitalar. **Cadernos HumanizaSUS**. Brasília: Ministério da Saúde, 2011. 268 p. il. (Série B, Textos Básicos de Saúde, Cadernos HumanizaSUS, v. 3).

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. **Ambiência**. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. – 2. ed. – Brasília : Editora do Ministério da Saúde, 2010.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Política Nacional de Humanização - PNH**. Brasília: Ministério da Saúde, 2013.

DIEHL, R.; MARASCHIN, C.; TITTONI, J. Ferramentas para uma Psicologia Social. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 2, p. 407-415, 2006.

FERREIRA, J. D. O. *et al.* Estratégias de humanização da assistência no ambiente hospitalar: uma revisão integrativa. **Revista Ciência Plural**, v. 7, n. 1, p. 147-163, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/rcp/article/view/23011/13726>. Acesso em: 25 out. 2022.

GADOTTI, M.. Extensão universitária: para quê. **Instituto Paulo Freire**, v. 15, p. 1-18, 2017.

GIARDIN, A. R. D. S. B.; MARTINI, E. C.; DA CRUZ, J. A.; MONI, L. O.; RUIZ, L. M.; RODRIGUES, P.; PEREIRA, T. A importância da atuação da terapia ocupacional com a população infantil hospitalizada: a visão de profissionais da área da saúde. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, [S. l.], v. 17, n. 1, 2010. Disponível em: <https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/119>. Acesso em: 27 out. 2022.

GOMES, I. L. V. *et al.* A hospitalização no olhar de crianças e adolescentes: sentimentos e experiências vivenciadas. **Cogitare Enfermagem**, v. 17, n. 4, p. 703-709, out./dez. 2012. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/30378/19654>. Acesso em: 27 out. 2022.

MEDRADO, B.; SPINK, M.J.; MÉLLO, R.P. Diários como atuantes em nossas pesquisas: narrativas ficcionais implicadas. In: SPINK, M.J.P. *et al.* **A produção de informação na pesquisa social**: compartilhando ferramentas. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014.

MOITA, F. M. G. S. C.; ANDRADE, F. C. B. Ensino-pesquisa-extensão: um exercício de indissociabilidade na pós-graduação. **Revista brasileira de educação**, v. 14, n. 41, p. 269-280, ago. 2009. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/gmGjD689HxfJhy5bgykz6qr/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 27 out. 2022.

SILVA, D.O. *et al.* A importância do lúdico no contexto da hospitalização infantil. **Revista de Enfermagem da UFPE on line**, Recife, v. 12, n. 12, p. 3484-3491, dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/234923>. Acesso em 25 out. 2022.

SILVA, M. R.; SAMPAIO, J. F.; SANTOS, E. A. O nível de empatia de participantes do projeto de extensão universitária Sorriso de Plantão e sua contribuição para formação em saúde. **Revista Contexto & Saúde**, [S. l.], v. 19, n. 36, p. 79-90, 2019. DOI: 10.21527/2176-7114.2019.36.79-90. Disponível em: <https://revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoesaude/article/view/8325>. Acesso em: 9 out. 2022.

SOARES, Vanessa Ferry de Oliveira. A extensão universitária no processo de formação profissional: experiência da TECA. 2019. 68 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Psicologia. Maceió, Alagoas, 2019.

SPINK, M.J.; MEDRADO, B. Produção de Sentidos no Cotidiano. In: SPINK, M.J. (org). **Práticas Discursivas e Produção de Sentido no Cotidiano**: aproximações teóricas e metodológicas. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2013.

TEIXEIRA, S. R. O; KISHIMOTO, T. M. Brinquedoteca hospitalar na cidade de São Paulo: humanização e assistência à saúde. **Revista de Estudos em Educação e Diversidade**, v. 2, n. 3, p. 263 -286. jan./mar. 2021. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/reed>. Acesso em: 26 out. 2022.